A gente fala sobre a função social da universidade pública, a nossa função é a produção de conhecimento através de um tripé muito conhecido e anunciado na vigência de nossas normatizações que é ensino, pesquisa e extensão. E isso, nós cotistas, negros e negras, temos feito muito bem. Temos falando sobre racismo nesse País, temos falado sobre desigualdade racial nesse País, temos falado sobre a exploração, não opressão dos países, dos Estados Unidos, da Europa, sobre a África, sobre as Américas e sobre as populações marginalizadas e em situação de extrema vulnerabilidade nesses lugares.

É nossa tarefa defender a universidade pública e mais, defender a universidade pública, inclusiva, de qualidade gratuita e popular, inclusiva e digna. Popular significa produção e conhecimento para o povo feito pelo próprio povo e aqui, nessa universidade, está o povo e daqui não sairemos. Em defesa das cotas raciais a UERJ resiste! Uerj, resiste! (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Carlos Minc) - Anunciamos a presença da Dra. Lívia Cáceres, da Defensoria Pública, grande aliada de todas essas lutas, combate ao racismo, à homofobia.

Vou passar para a Deputado Dani Monteiro que vai chamar nossos próximos oradores. Dani Monteiro é um prazer e um honra estar contigo nesta Mesa e no Parlamento.

A SRA. PRESIDENTE (Dani Monteiro) - Ola, galera. Boa noite. Dani Monteiro, estudante cotista da casa, sou a Deputada estadual mais jovem da Casa. Tenho muito orgulho de ser presidente da comissão Especial da Juventude e vou, provisoriamente, presidir esta audiência pública.

Anuncio a presença do Fórum de Juventude do Rio de Janeiro e também a presença do Sintuperj, Sindicato de Técnicos da UERJ, UENF, UEZO.

Com muito orgulho, gostaria de chamar para fazer a fala aqui aquela que sancionou a Lei das Cotas no nosso estado, Benedita da Silva. (Palmas)

A SRA. BENEDITA DA SILVA - Boa noite, gente, que coisa maravilhosa, aqui está o resultado de toda uma luta de vocês, de toda uma luta do povo negro. Um resgate que foi feito apenas, eu digo um pingo d'água num grande oceano, pois a dívida que se tem com os negros e negras deste país é muito grande, não é apenas uma cota que vai, realmente, pagar a dívida que nós temos. É preciso que haja uma reparação (Palmas)

O povo brasileiro há de ver um povo que continuará sendo inteligente. Nós sancionamos a Lei de Cotas e a UERJ é um símbolo das cotas, porque foi a UERJ quem implantou as primeiras cotas raciais e cotas sociais. Aqueles que não acreditam nisso talvez não tenham lido a História do Brasil para entender que a meritocracia está voltada para a inteligência daquele que, apesar do açoite, da falta de oportunidade, ele pode conquistar uma UERJ e pode mostrar o quanto ele é capaz. (Palmas)

Então, é preciso ler a História do Brasil para entender que cotas não são benefício. Quando falam para nós de meritocracia, depois de não terem dado oportunidade a negros e negras e dizem que a meritocracia faz com que você chegue à universidade, não! Se chega à universidade com oportunidade, se chega à universidade com universidade pública e de qualidade. (Palmas) Se chega à universidade o filho de um trabalhador, da trabalhadora, o filho da doméstica, e é isso que eles não suportam. Eles não aguentam! É quando se põe a inteligência para enfrentar a outra inteligência e não pura e simplesmente uma questão de cor de pele, como eles têm colocado aqueles que não defendem as cotas.

Por isso eu estou aqui com vocês na defesa da UERJ, porque a UERJ se chama resistência. A UERJ é uma universidade que nós nos orgulhamos, a UERJ é um local onde nós colocamos as contradições existentes não apenas no estado. (Palmas)

Quero parabenizar porque vocês conquistaram e construíram essa possibilidade de se discutir políticas públicas de qualidade, não só nas universidades, mas queremos as escolas, os institutos, as universidades públicas de qualidade para negros e negras. Os não negros e aqueles que acham que esse país é todo mundo lourinho, de olhos azuis, cai fora, porque aqui nós somos uma comunidade. Um abraço grande, gente.

(MANIFESTAÇÃO EFUSIVAS DE APOIO NAS GALERIAS)

A SRA. DANI MONTEIRO - O máximo respeito àqueles que vieram antes de nós. São eles que colocam o nosso caminho na luta. E também para a luta em que a gente se encontra, eu gostaria de chamar aqui também a entidade que representa os estudantes, o Diretório Central dos Estudantes para fazer uso da palavra, na figura de Daniela Beatriz. (Palmas)

A SRA. DANIELA BEATRIZ - Boa noite. Meu nome é Daniela, eu sou estudante de Odontologia da Uerj, sou estudante cotista da Zona Oeste.

E é com muito orgulho que eu aqui, hoje, venho dizer que esse ano eu me formo. Mas eu vou virar, vou me tornar uma cirurgiã-dentista, formada pela melhor universidade do Rio de Janeiro, pela Universidade do Rio de Janeiro, pela universidade que me abraçou, que me trouxe para cá, que me mostrou o que é ser humana de fato.

Gente, a universidade abre inúmeras portas para a gente. E a gente ter a oportunidade de estar aqui dentro, eu hoje como eu disse, estudante da Zona Oeste, criada em Paciência, entendeu, gente desculpa, eu estou um pouco nervosa, gente.

Como estudante cotista, eu tenho muito orgulho de estar aqui, eu tenho muito orgulho de construir o que eu construo hoje. E é graças às cotas raciais que a minha mãe, professora, pedagoga, vai ter uma filha cirurgiã-dentista. Se não fosse por isso, não seria possível. (Palmas prolongadas). É uma questão que perpassa a minha existência, é uma questão que perpassa as coisas.

Eu dou exemplo. E é com muito orgulho que eu represento também o Diretório Central dos Estudantes. O Diretório é formado de pessoas negras, de pessoas que lutam pelas cotas, de pessoas que estiveram com a gente lutando pela renovação da lei de cotas no ano passado. E que está na luta pela aprovação, pelo passe livre universitário, que vai engrandecer a gente de todas as formas. Vai permitir que a gente, além do acesso à universidade, a gente tenha a permanência, e eu acho que essa é uma luta que a gente tem que ter sempre.

A Uerj ela resiste, a Uerj ela existe, a Uerj constrói pesquisa, a Uerj transforma pessoas. E eu acho que é esse o papel da universidade. E a gente não pode esquecer isso. É um absurdo a gente estar hoje dentro desse espaço tendo que repetir o que está nítido, o que se prova com dados. (Palmas prolongadas).

Eu acho um absurdo e muito triste, Deputado, que não esteja prestando atenção.

(MANIFESTAÇÃO NAS GALERIAS)

Gente, eu agradeço demais esse espaço, agradeço demais ser porta-voz do diretório Central dos Estudantes. Agradeço demais à Universidade do Estado do Rio de Janeiro por me formar quem sou hoje, agradeço demais às cotas raciais por ter me incluído dentro desse espaço, por ter permitido que hoje eu esteja no sétimo período de Odontologia na Uerj. Eu agradeço demais isso.

O que a professora Tânia falou, que a gente, nós os cotistas a gente tem notas melhores, nós somos profissionais melhores, nós somos pessoas mais humanas, nós temos outra vivência. A gente ensina outras pessoas a serem melhores. Eu acho que esse é o papel. Isso é sociedade e é isso que a gente tem que pleitear. Não é uma sociedade que exclua, não é uma sociedade que coloque a gente à margem.

Eu acho inadmissível o que a gente está se pondo aqui tendo que lutar por um direito que é nosso, conquistadom que a gente lutou tanto para estar aqui.

Usando o slogan da minha gestão: a UERJ vale a luta. A luta UERJ vale tudo para a gente estar aqui (palmas). A UERJ vale todos os espaços que a gente tem. Muito obrigada (palmas)

A SRA. PRESIDENTE (Dani Monteiro) - Obrigada, Daniela, que é minha xará. Diferença de um L apenas. Fez aqui a fala pelo Diretório Central dos Estudantes, mas também aqui a luta é composta pela sua diversidade. O diretório é a entidade legítima que representa os estudantes. Mas. gostaria também de chamar aqui alguns coletivos para fazer uso da palavra, que também constroem a militância e a luta dentro da universidade.

O primeiro Coletivo Juventude Anticapitalista, (inaudível). (Palmas)

FALA COLETIVO JUVENTUDE ANTICAPITALISTA - Boa-noite. Eu acho que a professora já deu uma boa explicação sobre o que importa a reserva de vaga. Que a gente não está competindo entrando na frente de ninguém. Mas, eu acho que mais do que isso, têm algumas leis no Brasil que foram muito emblemáticas. Uma lei muito emblemática, no Brasil, foi a da escravidão. A gente tem que lembrar que a escravidão era legal A gente tem que lembrar que teve que ter uma lei para mudar essa escravidão e as leis posteriores eram para impedir o acesso à terra da população negra que tinha sido liberta.

As leis criadas depois eram leis para impedir o trabalho a essa população, trazendo mão de obra de fora. As leis estavam baseadas em um projeto que dizia que até em 2012 não haveria mais negros no Brasil. Um projeto de embranquecimento. Mas, nesse auditório dá pra ver que já perderam e entraram derrotados. (palmas).

O projeto de embranquecimento deu errado. Ao extermínio, a gente já sobreviveu. Nós sobrevivemos a esse extermínio. Cada dia que a gente entra na universidade é sair dessa curva.

Tem um dado que mostra que no Rio de Janeiro quem está morrendo é a juventude negra. Tem um alto índice de onde eu venho, que é a Baixada Fluminense (palmas), tem jovens entre 23 anos e 24 anos é onde o chega o ápice. Sabe onde está a diferença quando você vai ver o que tira da curva da morte? É porque esses jovens ainda nem completaram o ensino médio.

Nós que estamos aqui na universidade temos a oportunidade de dizer que o que a gente quer é mais vida para a juventude. Eu estou construindo um pré-vestibular comunitário para botar jovem na universidade (palmas).

A gente rompe barreiras. Venho de quem está acostumado a romper barreiras. A minha mãe - não sou só eu que entrei na universidade, é bom dizer, porque estamos além já. Entraram os filhos da doméstica. Mas a minha mãe é empregada doméstica está com 42 e está fazendo vestibular. (Manifestações efusivas de apoio da audiência) (palmas).

E diga para os playboys que vai ter gente negra na Alerj, sim. (palmas) Como vai ter nos restaurantes, no avião, na universidade, na praia, que vai ter gente negra na televisão (palmas). E vamos com o nosso cabelo, com a nossa cor e nosso jeito.

Eu queria terminar contando uma história, porque a História, no Brasil, só é contada nos Carnavais. Para concluir, tem uma História de libertação da Baixada. A Hidra de Iguaçu era como chamavam os quilombos. (Pausa)

(Manifestações da audiência)

Não precisam ouvir não. Ouçam aqui. Eles estão irritados porque a gente está falando e eles têm que ouvir.

Um recado direto: somos a Hidra de Iguaçu - Hidra é aquela figura mitológica em que se corta uma cabeça e nascem três. Assim eram conhecidos os quilombos da Baixada, porque eles se dividiam e nunca foram pegos um quilombo inteiro; e, quando veio a liberdade, eles já estavam libertos. O recado que tenho a dar é que somos Hidra de Iguaçu, podem matar um, mas vêm três! Mexe com um, mexe com todo mundo! Somos a Hidra de Iguaçu.

(Manifestação dos presentes)

A SRA. PRESIDENTE (Dani Monteiro) - A mais ousada do Brasil, não é, gente? Tá muito calor aqui e vou pedir encarecidamente a todos e todas que estão fazendo uso da palavra que se atenham ao tempo para a gente conseguir garantir todas as inscrições e todas as falas, e fazer uma audiência com bastante representatividade e debates.

Vou encerrar a minha parte na presidência e já agradeço a todos e todas. Passo para a Deputada Estadual Mônica Francisco, que também faz parte da Comissão de Combate à Discriminação da Alerj.

(A SRA. MÔNICA FRANCISCO ASSUME A PRESIDÊNCIA DA MESA)

A SRA. PRESIDENTE (Mônica Francisco) - Tá bonito!

Só agradecer porque os racistas estão nos fazendo um favor, evidenciando a cada dia o que a gente vem fazendo um esforço há tanto tempo para demonstrar no Brasil. Eles estão nos ajudando a evidenciar, estão saindo do armário e isso é maravilhoso para nós.

Eu gostaria de convidar para fazer uso da palavra a defensora pública Lívia Cáceres, do Núcleo de Combate ao Racismo da Defensoria Pública do Estado do Rio de Janeiro, que dispõe de cinco minutos.

A SRA. LÍVIA CÁCERES - Boa-noite a todas as pessoas presentes! Agradeço a todos os Deputados e Deputadas pelo convite, por prestigiar a Defensoria Pública; a todos os representantes institucionais aqui da nossa Universidade.

Tenho o dever de me apresentar como aluna cotista desta Universidade e tenho o dever de me apresentar como defensora pública fruto da política de cotas raciais da primeira turma de cotistas da Faculdade de Direito da Universidade, ano de 2003. (Palmas)

Eu queria destacar aqui a percepção da nossa discussão de que é extremamente lamentável que haja iniciativas, em pleno 2019, que ameacem essa política de reparação tão importante e tão pequena, perto da experiência história que a população negra brasileira viveu, como vários colegas aqui já destacaram.

É um retrocesso civilizatório. Impensável que iríamos assistir a uma tentativa tão dramática de destruição de direitos que foram construídos com muita luta, às custas de um movimento negro nacional organizado neste país; às custas de muito sangue derramado para se construir uma Constituição democrática popular, pela primeira vez na história do Brasil com a participação do povo. Isso para se construir um objetivo e uma meta republicana de se edificar uma sociedade, justa, solidária e igualitária para todas as pessoas.

O que precisa ser dito com mais veemência e que a Defensoria Pública pode contribuir para esse debate é o aspecto da política de cotas raciais que está muito longe de representar inclusão, diversidade ou pluralidade nas universidades. As cotas raciais representam a entrada do povo negro em um espaço que foi dedicado historicamente à hegemonia da branquitude, representa a ruptura de um poder colonial; elas representam a ruptura de uma episteme branca. E o poder do racismo se perpetua não é apenas com o poderio econômico e pela oportunidade de acesso ao mercado de trabalho, mas é com o monopólio do direito de construir saberes.

A população negra do Estado do Rio de Janeiro se apropriou da política de cotas raciais, não apenas para acesso à universidade, mas para romper com essa hegemonia de conhecimento branco, para produzir o direito da perspectiva negra, para propostas legislativas da perspectiva negra, para construir possíveis mandatos parlamentares negros, para construir um Judiciário negro, para construir um Ministério Público negro, uma Defensoria Pública negra, para construir uma sociedade que não esteja estruturada na violência racial.

A Uerj se posiciona radicalmente em defesa da política de cotas raciais. A população fluminense não abre mão dessa política. Não haverá retrocesso na política de cotas raciais.

O SR. CARLOS MINC - Eu queria lembrar de uma grande conquista da Defensoria. Nós aprovamos na Alerj, há pouco tempo, a autonomia da Defensoria Pública.

Uma pergunta do Deputado Rodrigo. Ele pergunta se você está se posicionando individualmente, ou se essa é a posição da Defensoria.

A SRA. LÍVIA CÁCERES - Essa é a posição da Instituição.

A SRA. PRESIDENTE (Mônica Francisco) - Eu gostaria de mencionar a presença da Dra. Almeirane Pereira do Ministério Público e convidá-la para a Mesa, e dizer que nós anunciamos todas as entidades e órgãos públicos aqui presentes.

Passo a palavra a Janderson Dias, representando o Levante Popular da Juventude.

O SR JANDERSON DIAS - Boa noite, sou morador do Cerro Corá. Queria falar para o Rodrigo Amorim que ele se esqueceu de que, quando os brancos começaram a chegar aqui pela política de imigração, após a abolição eles ganharam terras. Ganharam terras do Estado brasileiro. E você, como representante do Estado brasileiro, deveria saber disso.

A população negra ficou largada. (Manifestação da audiência)

E que as cotas raciais... Você não vai me deixar falar? Vou pedir mais tempo.

As cotas raciais foi um processo de luta de muitas pessoas, de Milton Santos, Paulo Freire. Se olhar para nós, somos filhos de motoristas, de professores. Então, estamos aqui para defender.

Como muitos companheiros, vimos de pré-vestibulares populares. Se esses companheiros estivessem vivos, dariam duas tarefas para nós: a primeira, a da unidade e da solidariedade; a segunda, nós que estamos aqui, que seguimos como estudantes, os centros acadêmicos, que falamos da nossa produção acadêmica, que falamos da nossa história, da nossa condição, da nossa saúde, que vamos aos bairros.

E, para terminar, desculpa, gente, fiquei nervoso.

Para terminar, Sr. Rodrigo Amorim, a sua ação não vai passar. Como eu falei, o pré-vestibular funciona há quatro anos e, nesses quatro anos, já são oito moradores do Cerro Corá que estão estudando aqui na Uerj. Quando eu ando pelo corredor, eu cruzo com as pessoas. A gente discute na comunidade. A minha família, meus amigos me veem como aluno cotista, podem ter certeza que eles podem entrar também na universidade. Muito obrigado.

O SR. CARLOS MINC - Vamos seguir.

A SRA. PRESIDENTE (Mônica Francisco) - Isa Santos, Quilombo Vermelho, com a palavra.

A SRA. ISA SANTOS (Quilombo Vermelho) - O meu tempo, como são três minutos, eu queria declarar uma coisa: isso aqui não é um parlamento. Isso aqui é uma outra casa, isso aqui é a universidade mais popular do Brasil. Isso aqui é universidade de negro. A gente não vai aceitar que tirem o nosso direito de estar aqui.

O SR. CARLOS MINC - Só um esclarecimento em relação ao que disse o Deputado Rodrigo Amorim. Aqui é a UERJ, é uma audiência pública externa da Alerj, na Uerj.

A SRA. ISA SANTOS (Quilombo Vermelho) - Sou coordenadora do Centro Acadêmico do Serviço Social da Uerj, curso que paralisou com a morte da Merielle. Eu estou aqui para representar as mulheres negras do meu curso. Sou militante do Quilombo Vermelho.

Hoje, a gente está dentro dessa audiência, mas a gente sabe o que é a história dos negros neste país. A história dos negros neste país é de suor e sangue que construiu essa cidade e construiu todo esse país.

Nós estamos aqui porque essa história também vai ser apagada. Querem apagar essa história e querem apagar a história dos quilombos, a história dos levantes e dos negros insurrectos que se revoltaram contra a escravidão e que desde sempre se colocam na luta, porque lhes foi negado todo e qualquer direito social e político neste país.

Nós estamos aqui em defesa das cotas. Nós queremos defender e vamos defender esse direito de qualquer ataque da direita, do Bolsonaro e de qualquer um que queira questionar a presença do negro na universidade, a possibilidade de a gente estar aqui.

Hoje a gente é 51,7 da população do Rio de Janeiro e, infelizmente, a maioria dos negros não vão entrar nessa universidade. Infelizmente, o direito de estar aqui dentro é negado para a maioria da população e dos filhos da classe trabalhadora.

Nós estamos aqui defendendo as cotas e vamos defender com unhas e dentes sem deixar que passe nenhum ataque nessa universidade, como a gente defendeu os terceirizados aqui quando ficaram sem salário (inaudível), da reitoria que está aqui nesta Mesa.

A gente vai lutar porque é o nosso futuro que está em jogo. (Inaudível) (Manifestação da audiência). Vamos lutar para que a as cotas sejam proporcionais, se somos maioria da população, temos que ser maioria aqui. (Palmas) Vamos lutar para que a juventude que está em escolas que tem escrito “não atirem que aqui é uma escola”, porque o helicóptero da polícia passa atirando, que esteja aqui dentro.

Vamos à luta que o futuro é nosso! (Palmas)

A SRA. PRESIDENTE (Mônica Francisco) - A gente quer dar continuidade, para que a gente tenha o máximo de falas e possa acumular o máximo nessa noite, para que a gente dê encaminhamento à audiência.

Quero passar a presidência para a Deputada Renata Souza. (Palmas)

A SRA. PRESIDENTE (Renata Souza) -Boa-noite, Uerj. Boa noite, comunidade acadêmica, que é culpada pelo ensino científico deste País.

Essa é a culpa de vocês! E para dizer o quanto que mulher preta, e olhar quanta mulher preta aqui nessa Mesa incomoda, quantas mulheres pretas que falam, também incomodam, vou chamar Luciane Lacerda, pelo Fórum de Mulheres Negras. (Palmas)

A SRA. LUCIENE LACERDA - Boa-noite, todos e todas, é um orgulho estar aqui nesta Casa, esta casa que foi até minha primeira opção, num vestibular, na época, não contem, 78. (Manifestação da audiência)

Gente, olha só! Olha só! Olha só!

Estamos por um lugar em que somos maioria! Somos maioria! (Manifestação da audiência)

A SRA. LUCIENE LACERDA - Gente, gente!

O SR. CARLOS MINC - Por favor, vamos sentar! Gente, não se mexam, não se mexam! Ninguém, do plenário, vem pra cá para cima! Ninguém do plenário vem pra cá pra cima! Não queremos provocação! Ninguém do plenário vem aqui pra cima! Desçam! Desçam! Desçam!

Não vamos cair na provocação! Querem acabar com a audiência! Querem fazer um fato político! Não vamos cair em provocação! Não vamos provocar! Vamos sentar! Vamos sentar! Vamos sentar! Não vamos provocar! Não vamos cair em provocação! Parem! Parem! Parem agora! Parem agora!

(Manifestação da audiência)

A SRA. PRESIDENTE (Renata Souza) - Atenção, galera! Vamos parar! Vamos restabelecer a Audiência! Vamos, todo mundo, restabelecer a audiência! Esse é um fato importante para a nossa Universidade, que aprovou as cotas raciais! É preciso continuar na luta pelas cotas!

Vamos garantir a fala de todo mundo!

A SRA. BENEDITA DA SILVA - Ô, gente! Não vamos aceitar essa provocação! Querem terminar com esta audiência!

(Manifestação da audiência)

Gente, se não sentar, não vai dar para continuar!

Gente, vamos lá! Vamos sentar e vamos continuar essa Audiência, que está linda! Está linda! Mas, tem que sentar, tem que sentar, para continuar!

Gente, tem que sentar para continuar! Se não sentar, não vai dar! É importante quem está em pé discutindo tenha responsabilidade! Senta agora! Senta!

(Manifestação da audiência)

O SR. CARLOS MINC - Pessoal, pessoal, essa Audiência só interessa que corra bem para quem defende a cota. Portanto, não vamos entrar nessa provocação! Vamos sentar! Não vai vir mais! Não vai! Está bom! Não vai! Vamos ficar calmos! Pessoal, eu rogo a todos e todas que sentem nos seus lugares!

Para nós interessa que isso corra na normalidade! No argumento! Não vamos tolerar! Que não haja nenhum tipo de xingamento, de agressão! De nenhuma parte para nenhuma outra!

O que interessa é o argumento! Aí está a nossa força, com essa razão. Não vai acontecer mais isso, eu quero que as pessoas não fiquem aonde estão sentadas aqui, sentem nas suas cadeiras, por favor. Não se dirijam aos Deputados. Não vai ter. Eu sei. Eu me incomodo. Eu falei que não deva ter mais nenhum tipo, pessoal, por favor. Eu sei que muita gente está chateada e tem razão para estar. Mas não vamos dar razão a quem é contra.

Vamos prestigiar os oradores. Rogo que ninguém se dirija aos Deputados de forma desrespeitosa, independente da posição. As posições têm que ser contestadas com outras posições, e nós vamos continuar com as pessoas que estão inscritas.

Deputada Renata Souza.

A SRA. RENATA SOUZA - Bom, gente, vamos lá, vamos sentar, com calma, não vamos, a provocação, neste momento, não é saudável. A gente precisa fazer o debate que seja público e democrático. Vamos lá. Vamos lá gente! É difícil. Democracia, sempre é

Nova Imprensa Oficial do Estado do Rio de Janeiro — Governo do Rio de Janeiro — documento assinado digitalmente
A assinatura não possui validade quando impresso.
A IMPRENSA OFICIAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO garante a autenticidade deste documento, quando visualizado diretamente no portal www.io.rj.gov.br.
Assinado digitalmente em Quarta-feira, 05 de Fevereiro de 2020 às 03:39:33 -0200.